

La Comédiathèque

Réveillon na morgue

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Réveillon na morgue

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na noite de Ano Novo, um homem está de plantão no Instituto Forense. Uma hora antes das doze badaladas da meia-noite, uma mulher aparece na sua frente, coberta apenas por um lençol. Ele não sabe quem ela é nem de onde vem. E este Réveillon na morgue, que se previa entediante até morrer, acabará cheio de surpresas... Uma comédia ao mesmo tempo romântica e absurda, com um forte toque de humor negro.

Distribuição

Homem

Mulher

© La Comédiathèque

Uma sala mobiliada apenas com uma escrivaninha e duas cadeiras. Sobre a escrivaninha há um computador antigo e um telefone antigo. Em cima da escrivaninha, há uma placa que diz "Instituto de Medicina Legal - Recepção". Ao lado da escrivaninha, há uma árvore de Natal decorada de forma simples. Um homem está sentado atrás da escrivaninha. Ele está dormindo. O telefone toca e ele acorda abruptamente.

Homem – Instituto de Medicina Legal, diga? Ah, mãe, é você! Não, não... Eu estava trabalhando. Não se preocupe, não... Eu não estava cortando um peru... E também não pretendo levar trabalho para casa no Ano Novo... Olha, por enquanto está bem tranquilo. Tenho que admitir que meus vizinhos não são muito incômodos. Sim, eu sei, eu também preferiria estar com vocês no jantar de Ano Novo, mas o que podemos fazer... Ainda estou de plantão... Assim como no Natal, é isso aí. Ser o único enfermeiro solteiro no serviço não é só vantagem. Devem pensar que eu não tenho nada melhor para fazer durante as festas... Sim, mãe, você já me disse, que se eu quisesse, teria muitas mulheres bem educadas para me apresentar... Eu sei, um necrotério é o lugar ideal para conhecer viúvas, mas bem... logo após reconhecer o corpo do falecido marido, não é o melhor momento para convidar uma viúva para tomar algo... E eu também não vou me casar só para evitar estar de plantão na Véspera de Ano Novo... *(Ouve-se um trovão, o quarto fica escuro por um momento breve e um raio brilha, depois a luz retorna.)* Sim, parece que uma tempestade está chegando... Sinto que esta noite vamos recusar pessoas. A temporada de Natal sempre é agitada para nós. Então, com o mau tempo... As pessoas estão completamente bêbadas. Elas engasgam com uma ostra ou um osso de peru. Ou esfaqueiam seus parceiros com uma faca de ostra depois de encontrá-los nos braços de seu melhor amigo. Ou caem de suas varandas tentando pendurar guirlandas. Ou batem em uma palmeira ao voltar da festa... Enfim, o final do ano frequentemente é sinónimo de um massacre. Sim, mãe, eu trouxe a cesta de comida que você preparou para o jantar de Ano Novo. Carne fria, é isso... Vai me dar uma variada... Claro, eu também vou pensar em vocês. Sim, vou tomar cuidado para não engasgar com uma espinha de peixe. Bem, mãe, eu preciso desligar... Eu também os abraço. Sim, nós nos falamos...

Ele desliga o telefone. Abre uma gaveta, prepara uma linha de cocaína e a inala.

Homem – Uf... Isso acordaria um morto...

Um novo trovão. As luzes se apagam novamente, mas desta vez não se acendem novamente. Novos relâmpagos.

Homem – Merda... Se a eletricidade não voltar logo, corremos o risco de quebrar a cadeia de frio e a carne estragar. Deve ter queimado um fusível. Mas onde está o quadro elétrico? Se eu pudesse encontrar a lanterna, pelo menos...

Ele tateia na penumbra. Música inquietante. Na penumbra, uma mulher chega envolta em um lençol, como um sudário. Parece desorientada. Ela vagueia pela cena e depois se senta na escrivaninha na cadeira anteriormente ocupada pelo enfermeiro de plantão. Este último retorna com uma lanterna acesa, mas não a vê.

Homem – Isso é um pesadelo... Onde diabos está aquele contador...? Não pode ser... *(Passeia pela cena sem ver a mulher, depois desaparece por um momento nos bastidores.)* Ali está! Bem... Sim, é isso mesmo... Ele disparou... Tudo bem, poderia ser pior... Só preciso apertar aqui novamente... *(A luz volta)* E houve luz...

Ele volta com um sorriso satisfeito, mas seu sorriso congela ao ver a mulher fantasmagórica sentada em seu lugar. Ele dá um salto.

Homem – Mas o que você está fazendo aqui? Você está bem? Quase me deu um ataque cardíaco.

Mulher – Sinto muito...

Homem – Morrer em um necrotério na véspera de Ano Novo, eu admito que seria uma morte estúpida.

Mulher – Um necrotério...?

Homem – Que tipo de roupa é essa? Você acabou de sair da cama?

Ela parece perceber a si mesma apenas agora, vestida apenas com um lençol.

Mulher – Ah sim... Você tem razão...

Homem – Você está se fantasiando de fantasma, certo? Vai a uma festa?

Mulher – Não, eu não acho...

Homem – Mas bem, quem diabos é você em primeiro lugar?

Mulher – Eu não sei...

Homem – Você não sabe?

Mulher – Não. Eu não faço ideia.

Homem – De qualquer forma, você não tem nada a fazer aqui. E peço que você vá embora.

Mulher – Ir embora? Para onde?

Homem – Para onde? Sei lá! Volte de onde você veio, será um bom começo.

Mulher – Eu gostaria, mas... eu não sei de onde venho.

Homem – Você não sabe quem é, não sabe de onde vem... Mas sabe bem onde está, certo?

Mulher – Não. Onde estamos?

Homem – Você está na recepção do Instituto de Medicina Legal. *(Apontando para a placa)* Vê? Está escrito aqui. Então, se você está procurando emergências, está no andar errado.

Mulher – Emergências? Não, não estou procurando emergências.

Homem – Você não parece estar em seu estado normal... Bebeu demais, não é? Ainda não são nem onze da noite. Normalmente, às seis da manhã é quando se encontra pessoas como você no dia seguinte ao Ano Novo.

Mulher – Ah, porque é Ano Novo?

Homem – Bem, de qualquer forma, você não deveria ficar aqui.

Mulher – Estou com sede.

Homem – Ah, sim... Você está pálida como um cadáver, é verdade. Você está bem?

Mulher – Estou bem... mas estou com sede.

Homem – Vou pegar um copo de água para você e depois você vai embora... Mas, enquanto isso, não se mexa, certo? Porque aqui é um pouco como a casa de Barba Azul. Há certas portas... e certas gavetas que é melhor não abrir.

Mulher – Você tem um espelho?

Homem – Um espelho?

Mulher – Sim.

Homem – Devo ter um por aqui. *(Abre várias gavetas.)* Antigamente, nos necrotérios, usava-se um espelho para garantir que as pessoas realmente não estavam mais respirando. Ainda é usado de vez em quando...

Ele pega um espelho do último gaveta e o entrega para a mulher.

Mulher – Obrigada.

Homem – Mas você sabe, antes de se arrumar, seria melhor você se vestir...

Ele sai. Ela se olha no espelho e parece não se reconhecer. Ela se levanta, atordoada, e percorre a cena novamente. O telefone toca. Ela atende.

Mulher – Sim... Alô, senhora...? Sim, sim, você está ligando para o... *(Olhando a placa sobre a escrivaninha)* Instituto de Medicina Legal. Não, eu não sou a enfermeira de plantão... Bem, pelo menos eu acho que não sou... Seu filho? Eu não sei. Ele acabou de sair, eu acho. Tudo bem... Eu vou dizer a ele... Sim, feliz ano para a senhora também. Adeus, senhora...

Ela desliga. Ele volta com um copo de água e lhe oferece.

Homem – Aqui está...

Mulher – Obrigada.

Ela esvazia o copo de um gole. Ele a observa com uma expressão preocupada, permanecendo alerta.

Homem – Você está se sentindo melhor?

Mulher – Sim, estou bem... *(Ela o olha)* E você?

Homem – Eu?

Mulher – Você parece um pouco perturbado também.

Homem – Não, não, eu estou bem...

Mulher – Ah, sim, o telefone tocou...

Homem – E...?

Mulher – Você vai ter que ligar para sua mãe de novo.

Homem – Você atendeu?

Mulher – Sim... Eu não deveria...? Desculpe... O telefone tocou... Foi um reflexo...

Homem – Estamos em um necrotério, aqui. Supostamente você não deveria atender o telefone.

Mulher – Era sua mãe...

Homem – Sim, eu entendi.

Mulher – Você parece... nervoso. O que está acontecendo?

Homem – Você apareceu assim, em plena tempestade, na escuridão, enrolada em um lençol... Estamos em um necrotério... E é você quem está me perguntando o que está acontecendo?

Mulher – Estou realmente confusa...

Homem – Confusa... Sim, pode-se dizer isso.

Mulher – É melhor eu ir embora...

Ela faz menção de sair, mas ele a impede.

Homem – Espere... Desculpe... Você está certa... Eu não deveria ficar tão nervoso assim.

Mulher – Eu não sei o que está acontecendo comigo... (*Vendo a expressão perplexa dele*) Você tem algo para me dizer, não tem?

Homem – É que... é um pouco difícil de dizer, exatamente...

Mulher – Eu estou ouvindo...

Homem – Para pegar esse copo de água, eu atravessei a sala fria... Bem, a sala onde estão guardados...

Mulher – E...?

Homem – Uma das gavetas está aberta... A número 99... E está vazia.

Mulher – Vazia...

Homem – Vazia. *(Um momento)* Será que não seria a gaveta de onde você saiu, por acaso?

Silêncio.

Mulher – Você quer dizer... que eu estaria morta?

Homem – Não sei... É apenas uma suposição... Um corpo desapareceu... E então você aparece... envolta em um lençol. Não lembra de nada... Coloque-se no meu lugar...

Mulher – Neste momento, eu preferiria estar no seu lugar em vez do meu, acredite.

Homem – Sim, obviamente.

Mulher – Então, eu estaria morta... e teria voltado à vida?

Homem – Estou tentando entender.

Mulher – Você acha que é possível?

Homem – Teoricamente não.

Mulher – Mas já aconteceu?

Homem – Que eu saiba, além da Bíblia, não. Bem, afinal, eu não sei. Vê-se tantas coisas... De qualquer forma, neste necrotério, nunca vi algo assim...

Mulher – Você tem certeza?

Homem – Acredite, eu já vi muitas pessoas chegarem aqui de pés juntos, e nenhuma saiu daqui andando.

Mulher – Então...

Homem – Não, não pode ser isso...

Mulher – Mas...?

Homem – Mesmo assim, falta a cliente da gaveta 99.

Mulher – Você conhece todos?

Homem – Quem?

Mulher – Seus... clientes.

Homem – Não pessoalmente, não. Mas é verdade que quando não tenho mais nada para fazer, às vezes consulto os prontuários deles. Também recebemos celebridades, sabe?

Mulher – Sim... Mais cedo ou mais tarde, todo mundo acaba no necrotério.

Homem – O que é mais estranho é saírem daqui para ir a algum lugar que não seja o cemitério...

Um momento.

Mulher – E se outros mortos acordassem?

Homem – Você realmente decidiu arruinar meu Ano Novo... Isso não é uma piada, é?

Mulher – Uma piada?

Homem – Na área da saúde, estamos acostumados a piadas mórbidas, sabe? Chamamos de piadas de estudantes de medicina. Tenho que admitir que essa seria muito engraçada... se for mesmo.

Mulher – Não é uma piada, eu garanto. (*Um momento*) Você acredita em fantasmas?

Homem – Se eu acreditasse, você realmente acha que teria escolhido essa profissão? Aliás, quando digo "escolher"... Não pense que é uma vocação.

Mulher – Então talvez eu seja... um morto-vivo. Um zumbi...

Homem – Um morto-vivo ou um zumbi... Não tenho certeza de qual prefiro.

Mulher – Não tenha medo... não quero fazer mal a você. Na verdade, eu precisaria de ajuda...

Homem – Além do lençol, você não se parece muito com um fantasma. (*Se aproxima dela.*) Você permite...?

Ele segura a mão dela. Ela se afasta.

Mulher – O que você está fazendo?

Ele verifica o pulso dela.

Homem – Suas mãos estão frias. Não é surpresa se você acabou de sair da geladeira. Mas seu pulso está normal. Não, definitivamente você não é um fantasma.

Mulher – Então, o que eu sou?

Homem – Não sei.

Mulher – Se fosse uma verdadeira ressurreição... seria um milagre.

Homem – Por trás de todo milagre geralmente há um erro de diagnóstico, sabe? Em Lourdes, a maioria das curas são de doentes imaginários.

Mulher – Não tenho certeza se entendi...

Homem – Pode ser que você tenha sido declarada morta quando na verdade não estava.

Mulher – Isso acontece?

Homem – Não deveria, mas sim, suponho que tenha acontecido.

Mulher – Isso não explica por que não me lembro de nada... E se eu simplesmente estiver louca?

Homem – Ou talvez seja eu que esteja delirando.

Mulher – Você?

Homem – Talvez eu esteja imaginando tudo isso, e nada é real. *(Um momento)* Me belisque!

Mulher – Desculpe?

Homem – Me belisque! Se estou dormindo, vou acordar e esse pesadelo terá acabado.

Mulher – Bem...

Ela o belisca.

Homem – Ai!

Mulher – Então.

Homem – Aparentemente, isso não é um pesadelo.

Mulher – Ou talvez você esteja sonhando que está sendo beliscado.

Homem – Sim, também é uma hipótese, infelizmente. E você realmente não tem nenhuma lembrança?

Mulher – Não...

Homem – No entanto, você não perdeu o uso da palavra... Certamente você se lembra de algo... Faça um esforço. Concentre-se. Qual imagem vem à sua mente primeiro?

Ela parece se concentrar.

Mulher – Um bolo.

Homem – Um bolo?

Mulher – Um bolo de aniversário.

Homem – Um aniversário... o seu?

Mulher – Sim, eu acho.

Homem – Qual é o nome no bolo?

Ela se concentra novamente.

Mulher – Cristina! Feliz aniversário, Cristina!

Homem – E você tem certeza de que é o seu aniversário?

Mulher – Acho que sim. Estou me preparando para apagar as velas.

Homem – Quantas velas há?

Ela fecha os olhos para se concentrar melhor.

Mulher – Três!

Homem – Ah, sim... Isso não vai nos ajudar muito...

Um momento de silêncio.

Mulher – Talvez quando morremos, haja uma atualização automática. Esquecemos de tudo para poder renascer como outra pessoa. Um recém-nascido, por exemplo.

Homem – E algo deu errado no seu caso...

Mulher – E em vez de reencarnar, eu renasço no mesmo corpo...

Homem – Mesmo assim, lembrando da sua vida até os três anos.

Silêncio.

Mulher – Você conhece a identidade dessa mulher?

Homem – O número 99... Sim, está no prontuário. Mas é confidencial.

Mulher – Ao mesmo tempo, se sou eu...

Homem – Você está certa. Se de fato é você, não podemos falar sobre sigilo médico. *(Ele se senta em frente ao computador e digita no teclado.)* Vamos ver, 96, 97, 98... Aqui está, 99.

Mulher – E então?

Homem – O nome dela é Cristina... Cristina Wagner...

Mulher – Como no bolo!

Homem – Exatamente, como no bolo.

Mulher – O que mais? Talvez isso me ajude a recuperar a memória...

Ele verifica a tela do seu computador novamente.

Homem – Nasceu em 1989... no dia 31 de dezembro.

Mulher – Então hoje é o meu aniversário!

Homem – Feliz aniversário, Cristina. Desculpe, eu não estava planejando ter bolo...

Mulher – O que mais?

Homem – Profissão, psicoterapeuta...

Mulher – Psicoterapeuta?

Homem – Isso também não lembra?

Mulher – Não. E eu sou casada?

Homem – Sim... com alguém chamado Ricardo.

Mulher – Ricardo Wagner...

Homem – Isso te soa familiar?

Mulher – Vagamente...

Homem – Falecida no... foi ontem.

Mulher – E do que eu morri?

Homem – Causa da morte... envenenamento por medicamentos. Uma autópsia foi solicitada.

Mulher – Tem uma foto?

Homem – Sim... mas eu aviso, não é agradável de se ver.

Mulher – A foto é tão feia assim?

Homem – É uma foto post mortem.

Mulher – Mostre mesmo assim...

Ela olha para a tela do computador.

Homem – Eu avisei. Não é uma foto lisonjeira para você.

Mulher – Sim, eu não pareço bem.

Homem – Acredite pela minha experiência, os mortos raramente parecem bem...

Mulher – Talvez devêssemos informar a minha família... meu marido...

Homem – Ao mesmo tempo... já não estamos a minutos de diferença, certo? Porque obviamente isso os chocaria.

Mulher – Com certeza.

Homem – Não sei se posso assumir a responsabilidade de informar seus entes queridos. Primeiro devemos verificar tudo isso. Garantir que não estamos errados. Não dar a eles falsas esperanças. Enfim, fazer com que sua ressurreição seja oficialmente homologada.

Mulher – Homologada? Como os milagres, você quer dizer?

Homem – Seria necessário que o médico legista a examinasse novamente. Que admitisse que errou. Que na verdade você não estava morta. Mas você sabe como são os médicos. Se há algo que eles detestam, é admitir que erraram.

Mulher – Temos que chamar o médico legista! Agora mesmo!

Homem – Infelizmente, eu não tenho o número pessoal dele. Estou de plantão esta noite. É véspera de ano novo. Ele deve estar em algum lugar festejando.

Mulher – Então, não há plano de emergência?

Homem – Sabe, é extremamente raro haver emergências na morgue...

Mulher – Não sei, pelo menos deveríamos alertar a polícia?

Homem – Eles vão achar que é uma piada de mau gosto... É Ano Novo... Todo mundo está bêbado. Eu mesmo consumi substâncias proibidas para esquecer que passaria a Véspera de Ano Novo com cem cadáveres. Eu preferiria não ser examinado imediatamente...

Mulher – Então, o que fazemos?

Homem – No ponto em que estamos, podemos esperar até amanhã de manhã. Meu turno termina às seis... Eu vou informar meu substituto e veremos com ele o que pode ser feito.

Mulher – Sinto muito por causar todos esses problemas.

Homem – O mais importante é que você está viva. Mas se você realmente for um fantasma, também não será fácil para você, sabe...

Mulher – Eu pensei que, uma vez fora desse caixão, a pior parte já tivesse passado...

Homem – Acredite, isso é apenas o começo dos seus problemas. Quando alguém é declarado morto e as pessoas já se acostumaram com a ideia...

Mulher – Talvez você esteja certo, infelizmente.

Homem – Sem mencionar o resto. Quando a administração decide que alguém está morto, também nem sempre é fácil fazê-la mudar de ideia.

Mulher – Eu me pergunto se seria mais fácil voltar para o meu caixão.

Homem – Como você se sente?

Mulher – Bem.

Homem – Não, porque se você insistir, ainda posso fazer com que seja examinada por um médico residente.

Mulher – Você é enfermeiro, certo? Você já me examinou...

Homem – Ao mesmo tempo, não sou especialista em mortos-vivos.

Ela olha ao redor.

Mulher – Então aqui é onde você trabalha...

Homem – Sim.

Mulher – E... todo mundo passa pelo Instituto de Medicina Legal?

Homem – Não, normalmente as pessoas acabam em uma sala funerária simples. Se você está aqui, é porque se trata de uma morte suspeita.

Mulher – Suspeita?

Homem – Vamos dizer... uma morte cujas circunstâncias não estão claramente estabelecidas. Um suicídio... ou um homicídio.

Mulher – Você acha que alguém poderia ter me envenenado?

Homem – Isso... A investigação vai dizer... Após a autópsia.

Mulher – A autópsia?

Homem – Bem, eu acho que no seu caso, obviamente não será uma autópsia.

Mulher – Quem poderia querer me assassinar?

Homem – Isso...

Mulher – Meu marido?

Homem – É por isso que é preciso pensar duas vezes antes de avisá-lo. Se for ele quem vier te buscar na morgue...

Mulher – Por que meu marido iria querer me matar?

Homem – Motivos para matar o cônjuge não faltam, você sabe...

Mulher – Espero que você não esteja falando por experiência própria... Você é casado?

Homem – Não.

Mulher – Com essa visão do casamento, entendo o porquê.

Homem – Além disso, não está totalmente claro que seja um assassinato. E se for, nada garante que seu marido seja o culpado.

Mulher – Então um suicídio? Mas por quê?

Homem – Quem sabe...

Mulher – Pressinto que você vai me dizer que motivos para suicídio não faltam... Você não é exatamente otimista, não é?

Homem – Com o trabalho que eu faço, você sabe... tendo a ver as coisas pelo lado negro.

Mulher – Mesmo assim, até na morgue, às vezes há boas surpresas. A prova...

Homem – Em contrapartida, você parece ser uma pessoa otimista. Então acho que podemos descartar o suicídio.

Mulher – Então seria um assassinato...

Homem – Você tem alguma lembrança, mesmo que vaga?

Mulher – Apenas impressões vagas. Às vezes flashes. A sensação de que minha mente está flutuando sobre o meu próprio corpo...

Homem – Uau!... Eu estava pensando mais em lembranças da sua vida antes da morte. Mas isso parece muito com o que sinto quando fumo maconha.

Mulher – De qualquer maneira, eu não me lembro de um velho de barba branca me esperando nas portas do paraíso.

Homem – E seus últimos momentos? Logo antes da sua morte.

Mulher – Não... Nada...

Homem – Porque, se for um assassinato, isso poderia ajudar a polícia.

Mulher – Sim, suponho que é muito raro conseguir o testemunho da vítima de um assassinato...

Homem – Pena... Isso poderia resolver muitos casos.

Mulher – Infelizmente, não tenho nenhuma lembrança das circunstâncias da minha morte... Nem da minha vida, na verdade... Curiosamente, o que lembro melhor é o meu nascimento. Me vejo naquela incubadora na maternidade.

Homem – A menos que você também lembre o nome que estava escrito na pulseira, isso não nos ajudará muito.

Mulher – Não, infelizmente... E também só tinha três dias, ainda não sabia ler.

Silêncio.

Homem – De qualquer maneira, você poderia escrever um livro.

Mulher – Um livro?

Homem – Para contar sua jornada para o além!

Mulher – Eu te disse, são apenas impressões vagas.

Homem – Você poderia enfeitar um pouco... Há livros escritos por muito menos, sabe? Alguns escrevem um calhamaço de 400 páginas só para contar como perderam uns quilos com uma dieta milagrosa. Então, uma experiência de quase morte... Tenho certeza de que seria um sucesso.

Mulher – Você acha?

Homem – Ou talvez uma peça de teatro...

Um momento.

Mulher – Não aguento mais... Vou sair daqui...

Ela se prepara para sair. Ele a impede.

Homem – Espere...

Mulher – Eu passei mais de um dia dentro de um caixão. Estou sufocando aqui. Você quer me impedir de pegar um pouco de ar?

Homem – Não, mas desaconselho.

Mulher – E se tudo isso for apenas temporário? Talvez seja uma espécie de Cinderela, versão zumbi. Eu tenho permissão até meia-noite, e quando as doze badaladas soarem, vou voltar para o nada. Definitivamente, desta vez. Então, enquanto isso, se você me permitir, prefiro ir à festa em vez de ficar na morgue. Afinal, é Ano Novo, todo mundo está festejando. Tenho certeza de que encontrarei uma festa onde possa entrar sem convite.

Homem – Envuelta em um sudário?

Mulher – Também há festas a fantasia...

Homem – É verdade que os casos de ressurreição são muito raros. Mas nada garante que a sua seja apenas temporária.

Mulher – Mesmo para Jesus, durou apenas quarenta dias. Então, para uma simples mortal como eu... Deixe-me passar!

Ela se prepara para sair. Ele a impede novamente.

Homem – Seja razoável... Você foi declarada morta. Você não tem mais existência legal. Não tem direitos. Aos olhos da lei e da sociedade, você não existe mais. É como um recém-nascido que ainda não foi batizado.

Mulher – Baptiada?

Homem – Quero dizer, registrada no cartório, obviamente. Se estivéssemos em uma maternidade e eu fosse uma parteira, eu deixaria um bebê sair para a rua antes de ter sido registrado pelos pais no cartório?

Mulher – Um bebê.. Não tenho certeza de entender...

Homem – Se você sair daqui, não terá nenhuma proteção...

Mulher – Que risco estou correndo? Morrer duas vezes?

Homem – E você também não se lembra de nada... Você não tem dinheiro. Seria uma presa fácil, eu te asseguro. Se alguém te matar, ninguém será suspeito. Você já está morta. Seu atestado de óbito está aqui...

Mulher – Por outro lado, já que não existo mais, posso fazer o que quiser. Roubar um banco ou... matar alguém, exatamente. E se eu começar por você...

Homem – Vamos evitar chegar a isso. Se isso é realmente o que você quer, eu não vou impedir que você vá.

Mulher – Brincadeiras à parte, tudo bem.

Homem – Uau, pode estar morta e manter o senso de humor.

Mulher – Eu nunca matei ninguém, pelo menos acho que não. Não é agora que estou morta que vou começar.

Homem – Fique comigo, por favor...

Mulher – Está bem... Não quero te causar mais problemas.

Homem – Obrigado. Isso realmente me alivia...

Um momento de silêncio.

Mulher – Mas tenho a sensação de que algo mais te preocupava ao pensar em deixar partir uma de suas inquilinas... Não me diga que você já se apegou a mim...

Homem – Se um corpo estiver faltando amanhã de manhã, vão me cobrar explicações. E será difícil explicar que esse cadáver saiu para celebrar a véspera de Ano Novo por conta própria. Vão me acusar de ocultação de cadáver. Talvez algo pior...

Mulher – Quem iria querer roubar um cadáver?

Homem – Já aconteceu. Você sabia que sequestraram Charlie Chaplin vários meses depois de sua morte?

Mulher – Para quê?

Homem – Para pedir um resgate à sua viúva, simplesmente.

Mulher – Eu não sou uma celebridade. Ninguém pagaria para me recuperar viva. Então, para recuperar o meu cadáver...

Ela se senta.

Homem – Vamos lá, aproveite um pouco mais a sua morte. Não é uma experiência que é dada a todos.

Um momento de silêncio.

Mulher – E se nem todos estiverem felizes em me ver ressuscitada?

Homem – Certamente há muitas pessoas que gostam de você, não é? Além do seu marido...

Mulher – Não sei... Não me lembro de nada... Talvez eu fosse uma chata. Ou até mesmo um monstro. Se alguém tentou me matar, talvez eu merecesse.

Homem – Sim, quem sabe...

Mulher – Ou talvez deixe uma boa herança.

Homem – Ou simplesmente seus entes queridos já superaram sua morte... e têm novos planos.

Mulher – Obrigada por elevar meu ânimo. Isso ajuda muito...

Homem – De qualquer forma, teremos que decidir. A autópsia está marcada para amanhã de manhã...

Mulher – Sim, eu não posso estar morta para sempre.

Homem – É uma frase que eu nunca pensei em ouvir aqui algum dia.

Mulher – Ah, e você está certo, é véspera de Ano Novo. Todo mundo está comemorando. Minha ressurreição pode esperar até o próximo ano.

Silêncio.

Homem – E se tudo isso não passar de um mal-entendido, e você nunca tivesse morrido.

Mulher – Isso não explicaria por que o caixão número 99 está vazio.

Homem – Talvez seja um erro, afinal. Alguém levou o corpo para preparar o enterro, esquecendo de completar os papéis. Porque aqui só temos clientes de passagem. Eles ficam apenas duas ou três noites, esperando mudar definitivamente para seu último lugar de descanso.

Mulher – Você esquece que meu nome é Cristina, como aquela mulher que morreu.

Homem – Poderia ser uma coincidência, afinal.

Mulher – Admita que seria uma grande coincidência.

Homem – Além disso, nada prova que você realmente se chame Cristina. Além daquela vaga lembrança de um bolo de aniversário... É bem fraco...

Mulher – E a foto?

Homem – Uma foto de um cadáver... É um pouco difícil julgar a semelhança. Se você soubesse quantas pessoas vêm aqui para identificar o cadáver de seu cônjuge e não o reconhecem.

Mulher – Tudo bem. Eu não sou Cristina Wagner, esposa de Ricardo Wagner. Mas então, quem eu seria? De onde eu viria?

Homem – Talvez você tenha escapado de um hospital psiquiátrico.

Mulher – Você acha que estou louca?

Homem – Em todo caso, você tem amnésia.

Mulher – Sim, talvez...

Silêncio.

Homem – Ou talvez seja eu que esteja louco.

Mulher – Você?

Homem – E em minha loucura, inventei toda essa história. Sabe, trabalhar em uma morgue eventualmente afeta um pouco a sua mente.

Mulher – Sim, mas eu estou aqui.

Homem – Nesse caso, ambos estamos loucos.

Mulher – Quem sabe.

Homem – Escapamos de um hospício e acabamos na morgue.

Mulher – Como chegamos até aqui?

Homem – Na verdade, só precisamos pegar o elevador. Estamos em um hospital. A psiquiatria fica no último andar e o Instituto de Medicina Legal no porão.

Mulher – Temos certeza de que estamos em uma morgue?

Homem – Tem um letreiro, afinal.

Mulher – E se tudo isso for apenas produto de nossa imaginação doentia?

Homem – Está ficando um pouco complicado para mim.

Mulher – Essa Cristina que morreu, você disse que ela era psicoterapeuta, certo?

Homem – É o que eu acreditei ler em sua ficha.

Mulher – Então, talvez eu seja a sua psicoterapeuta.

Homem – Uma psicoterapeuta louca?

Mulher – Geralmente, essas pessoas já estão um pouco loucas. Para escolher um trabalho assim.

Homem – Um louco que tem uma louca como terapeuta e ainda por cima está morta. Você está certa, agora vejo as coisas muito mais claramente.

Mulher – Sim... Não sei se éramos loucos, mas definitivamente estamos ficando loucos, com certeza.

O telefone toca. Ele atende.

Homem – Ah, mãe... Sim, sim, está tudo bem. Não, ainda está tranquilo... Na verdade, não houve novas entradas até agora. Diria até que é o contrário... Saídas? Também não. Bem, te ligo depois, tudo bem? Sim, sim, divirta-se.

Ele desliga.

Mulher – Você não disse nada a ela?

Homem – O que eu diria a ela? Estou passando o Ano Novo sozinho com uma mulher bonita... mas tenho algumas razões para pensar que talvez ela seja uma zumbi.

Mulher – Uma mulher bonita...?

Homem – Eu nem ousaria apresentar a minha mãe uma garota que encontrei em um bar, quanto mais uma garota que encontrei em um caixão da morgue... De qualquer forma, aparentemente, você causou uma ótima impressão nela. Mas não se anime. Ela

está disposta a fazer qualquer coisa para que eu lhe dê netos. Até me emparelhar com uma zumbi.

Mulher – Então você é um solteirão inveterado. Por que você não se casou?

Homem – Eu não sei. Acho que não encontrei a pessoa certa. Até hoje...

Mulher – Até hoje?

Momento de perturbação. Ambos parecem atraídos um pelo outro.

Homem – Tudo isso não é realmente sensato...

Mulher – Não, e o que sua mãe diria...

Homem – Eu até sugeriria que fôssemos juntos celebrar o Ano Novo com a minha família, mas eu estou de plantão.

Um momento.

Mulher – E as pertences dessa mulher? Você as tem?

Homem – As pertences dela...?

Mulher – Quando seus clientes chegam aqui, suponho que ainda estão vestidos, e que é você quem os despe.

Homem – Sim, claro...

Mulher – Foi você quem me despiu?

Homem – Eu... Já não sei... Acho que lembraria...

Mulher – Mas com certeza você tem minhas coisas em algum lugar, não? Pelo menos as coisas dessa mulher.

Homem – Sim.

Mulher – Se eu visse meus pertences, talvez me ajudasse a lembrar... De qualquer forma, me permitiria me vestir.

Homem – Claro...

Mulher – Então?

Homem – Vou ver o que posso fazer...

Ele sai. Ficando sozinha, ela pega o espelho e se olha novamente.

Mulher – Não me vejo tão mal... para alguém que morreu ontem.

Ela se penteia. Ele volta com algumas peças de roupa e uma bolsa.

Homem – Aqui estão as pertences de Cristina Wagner.

Mulher – Obrigada. *(Um pouco desconfortável)* Você me permite me vestir?

Homem – Claro...

Num movimento habilidoso, ela tira o lençol que a cobre e o segura à sua frente.

Mulher – Pode segurar o lençol e fechar os olhos?

Homem – Ao mesmo tempo, se eu fechar os olhos, o lençol não serve para nada...

Mulher – É verdade, mas se alguém entrasse...

Homem – Você está certa.

Mulher – E além disso, não sei por quê, sinto que estão nos observando... Você também, não?

Homem – Sim... Outro efeito de nossa imaginação doentia, suponho.

Ele pega o lençol e o segura tenso. Ela se veste com as roupas que ele trouxe.

Mulher – Pode abrir os olhos.

Ela parece ainda mais atraente vestida do que envolta em um lençol, e ele parece deslumbrado.

Homem – Ah, sim, é... Assim, você parece muito menos um fantasma.

Mulher – De qualquer forma, essas roupas me servem perfeitamente. Devem ser minhas...

Homem – Sim...

Ela dá alguns passos.

Mulher – Também havia uma bolsa.

Ele lhe entrega a bolsa.

Homem – Aqui está...

Ela abre a bolsa e olha o que contém. Tira um celular.

Mulher – Tem até um celular... Aqui não deve parar de tocar.

Homem – Normalmente, tentamos colocá-los no modo avião.

O telefone começa a tocar.

Mulher – Aparentemente, não este... *(Por reflexo, atende a ligação.)* Cristina Wagner, falando...

Homem – Eu recomendo que você desligue.

Ela encerra a ligação e coloca o telefone na mesa.

Mulher – Você está certo, acho que é melhor por enquanto.

Homem – Provavelmente alguém que deseja a você um feliz ano novo.

Mulher – Provavelmente ainda não recebeu o anúncio de óbito.

Homem – Afinal de contas, você só morreu ontem.

Ela olha em sua bolsa novamente e tira um tubo de batom. Ela aplica um pouco nos lábios.

Mulher – Fica bem com meu tom de pele?

Homem – Fica muito bem... Te dá uma aparência mais...

Mulher – Mais viva?

Homem – Mais feminina.

Mulher – Uma mulher que morre ainda é feminina...?

Homem – Ah, isso é de uma música da Brigitte Fontaine. Uma cantora francesa. Você conhece a Brigitte Fontaine?

Mulher – Aparentemente, conheço suas músicas. Mas acima de tudo, tenho a sensação de ter ouvido essa linha em algum lugar.

Homem – Que linha?

Mulher – O que você acabou de dizer: "É de uma música da Brigitte Fontaine".

Homem – Ah, sim...?

Mulher – Lembrei! É de outra peça do mesmo autor.

Homem – Outra peça?

Mulher – Parece que é um autor que tende a se repetir.

Homem – Mas quando você fala de linhas, você quer dizer... que ambos estamos atuando em uma peça de teatro?

Mulher – Também é uma hipótese, não é?

Homem – De qualquer forma, explicaria muitas coisas.

Mulher – É verdade que no teatro é muito mais comum que os mortos voltem à vida.

Um momento de silêncio.

Homem – É curioso, eu não teria te imaginado fã da Brigitte Fontaine.

Mulher – Por quê? Eu pareço boba?

Homem – De jeito nenhum... Quero dizer... Você é um pouco jovem para isso, só isso.

Mulher – Quantos anos você me daria?

Homem – Eu vi a sua data de nascimento no certificado de óbito. Mas eu teria te dado dez anos a menos.

Mulher – Isso é muito cavalheiro da sua parte.

Homem – De qualquer forma, você é encantadora... para uma morta.

Ela parece um pouco perturbada.

Mulher – Você também não está mal... para um coveiro.

Homem – Eu até diria que você é irresistível...

Momento de hesitação. Eles estão cada vez mais atraídos um pelo outro. Sons de festa são ouvidos. Fogos de artifício, buzinas, gritos...

Homem – Já está quase meia-noite.

Mulher – Então, feliz ano novo!

Homem – Feliz ano novo para você também.

Mulher – O que podemos nos desejar?

Homem – Eu não sei...

Mulher – Sempre podemos nos beijar?

Homem – Vamos...

Eles tentam se dar um beijo na bochecha, mas acabam se beijando apaixonadamente. Eles se afastam, desconfortáveis.

Mulher – Sinto muito, desculpe.

Homem – Não, sou eu. Não sei o que aconteceu comigo.

Mulher – Eros e Thanatos... Amor, morte... Sabe-se que os extremos se atraem...

Homem – Parece que você sabe muito sobre isso. Você deve ser realmente psicanalista.

Mulher – Se eu sou sua psicanalista, não é surpreendente que você tenha se apaixonado por mim.

Homem – Sério?

Mulher – Sempre nos apaixonamos pelo nosso psicanalista. Isso se chama transferência.

Um momento.

Homem – Fico pensando como tudo isso vai terminar.

Mulher – Bem... se for uma comédia. Mas se for uma tragédia...

Homem – Você voltará de onde veio, e eu ficarei aqui sozinho. Tudo isso se dissipará com os vapores da celebração de Ano Novo, como se tivesse sido apenas um sonho.

Mulher – Sim, talvez seja apenas um erro momentâneo devido à mudança de ano.

Homem – E você vai desaparecer de repente depois deste abraço. Como você mencionou antes, no décimo segundo toque da meia-noite.

As doze badaladas da meia-noite são ouvidas. Ambos permanecem como petrificados.

Mulher – A meia-noite já passou, e ainda estou aqui.

Homem – E você ainda está viva.

Mulher – Estou com medo.

Homem – Eu também.

Mulher – Agora estou com medo de morrer de verdade. Porque tenho medo de te perder.

Homem – Se isso for um sonho, eu gostaria de nunca acordar.

Mulher – E se for loucura, eu preferiria ficar louca.

Homem – É completamente irracional. Eu não posso me apaixonar por você. Mesmo se você não estiver morta, você é casada. Isso é ainda pior.

Mulher – Por outro lado, meu marido já é viúvo. Será muito mais simples.

Homem – Você acha?

Mulher – Então, o que fazemos?

Homem – Minha mãe preparou uma cesta de comida para celebrar o Ano Novo.

Mulher – Não estou com muito apetite.

Homem – Eu também não... Mas sempre podemos beber champanhe.

Ele pega uma garrafa, abre e enche dois copos. Ele oferece um dos copos a ela.

Mulher – Obrigada.

Homem – Pela vida...

Mulher – Pelo amor...

Eles brindam e bebem. O telefone celular de Cristina Wagner começa a tocar novamente. Eles se olham perplexos. O telefone para de tocar.

Homem – Não poderemos continuar fingindo que nada aconteceu eternamente...

Mulher – Agora que te encontrei, não quero te perder...

Homem – Se algum dia tivermos que oficializar nossa união, primeiro precisamos oficializar sua ressurreição.

O celular toca novamente. Ela olha para a tela.

Mulher – É ele!

Homem – Ricardo Wagner...

Mulher – Qual será a reação dele quando descobrir que ele não é mais viúvo...?

Homem – E que você ressuscitou apenas para enganá-lo com um funcionário da morgue.

Mulher – Aliás, por que ele está me ligando, se ele acredita que estou morta...?

Homem – Para ouvir o som da sua voz na secretária eletrônica...?

Mulher – Não o imagino tão sentimental.

Homem – Você imagina ou lembra?

Mulher – Sim, a memória está voltando aos poucos. Por enquanto, são apenas elementos dispersos. Como peças de um quebra-cabeça que estou tentando montar.

Homem – E se foi ele quem te ligou pela primeira vez... por acaso talvez? Ele ouviu sua voz e agora sabe que você não está morta...

Um momento. Ela parece completamente absorta em seus pensamentos.

Mulher – Agora eu lembro... (*Petrificada*) Foi ele quem me envenenou...

Homem – Mas... por quê?

Mulher – Estou revivendo meus últimos momentos. Uma discussão muito violenta. Acabei de descobrir que meu marido, sem eu saber, estava liderando um grupo neonazista com o objetivo de preparar um golpe de estado na Espanha...

Homem – Um golpe de estado... Nossa, isso é sério... Ricardo Wagner... Sim, isso me soa vagamente familiar...

Mulher – Herdei a fortuna dos meus pais. Acredito que seja principalmente por isso que ele se casou comigo. E é com meu dinheiro que ele secretamente financia esse grupo de fascistas. Eu disse a ele que ia me divorciar e que ele não teria um centavo...

Homem – Claro, ele não quer ouvir falar disso. E é para herdar sua fortuna que ele te assassinou...

Mulher – Sim... Ele me forçou a tomar esses remédios sob ameaça de uma arma, para disfarçar esse assassinato como um suicídio.

Homem – Então ele está armado e sabe que você está aqui. Provavelmente já está a caminho para terminar o trabalho que começou.

Mulher – Ele não corre nenhum risco! Oficialmente, eu já estou morta!

Homem – Não se preocupe, eu estou aqui.

Mulher – O que você vai fazer? Se ele chegar aqui com uma arma... e talvez acompanhado pelos colegas neonazistas do Grupo Wagner.

Homem – Para começar, vou alertar o policial de plantão no hospital... Não será fácil explicar tudo isso a ele, mas posso tentar... *(Dá um beijo nos lábios dela)* Não saia daqui, tudo bem? Volto logo...

Ele sai. Ela fica sozinha, preocupada. Sons de trovões são ouvidos novamente. A luz pisca. Relâmpagos são vistos. Ela escreve febrilmente uma nota no computador. A tela fica preta. Ela sai na escuridão. Música melodramática. Ele volta e percebe que o quarto está escuro.

Homem – Cristina? A luz foi cortada novamente...

Ele sai para o palco novamente para restabelecer a energia. A luz retorna. Ele entra de novo e não a vê.

Homem – Cristina?

Ele parece desconcertado. Vê a nota na tela. Ele lê.

Homem *(lendo)* – Estou esperando por você em cima... *(Para si mesmo)* Em cima?

Ele sai novamente. Música de Wagner. Trovões. Relâmpagos. Ele retorna, completamente alucinado. Inala uma linha de cocaína e senta-se para tentar recuperar a compostura. O telefone toca. Ele pega o fone.

Homem – Alô? Polícia? Ah, sim... Sim, sim, fui eu quem alertou seu colega antes, mas... talvez tenha me apressado um pouco... Confundi o número 99 com o número 66. A etiqueta estava virada, entendem? 66 ao contrário é 99. E como a gaveta número 66 não está ocupada esta noite, isso significa que todos os meus pacientes estão aqui... E o resto... deve ser fruto da minha imaginação. Não, eu garanto que não consumi nenhuma substância alucinógena. Não, não é necessário que se incomodem, eu garanto. É só isso, obrigado. Sim, feliz ano novo para vocês também...

Ele senta, devastado.

Homem – Preciso mesmo parar com a coca... Começo a ter alucinações...

Termina a garrafa de champanhe.

Homem – Bem, preciso relaxar um pouco, porque nesse ritmo não chegarei ao final do ano... Um fantasma... De onde tirei tudo isso? Deve ter sido uma bad trip... Vou tirar um cochilo, com certeza vou me sentir melhor depois...

Ele fecha os olhos e adormece com a cabeça sobre a mesa.

Preto.

Na escuridão, ele gira a placa que diz "Instituto de Medicina Legal – Recepção", antes de retornar à posição de dormir.

Luz.

Na placa agora está escrito "Paraíso – Sala de Espera".

Após um momento, a mulher reaparece à beira do palco, agora usando um jaleco branco.

Mulher – Senhor! *(Como ele não reage, ela dá um passo à frente e repete mais alto)*
Senhor!

Ele acorda de seu torpor e a olha surpreso.

Homem – Sim?

Mulher *(com um sorriso amável)* – Qual é o número?

Ele olha para o cartão em sua mão e lê.

Homem – 99... *(Ela parece surpresa, ele vira o cartão)* Oh, desculpe... 66.

Mulher – Então é sua vez...

Ele se levanta com passos vacilantes e sai com ela.

Preto.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Preliminares
Quarentena
Quatro estrelas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-977-5

Documento para download gratuito